

Empresas apostam em estagiários para fintar a crise

Um quinto das empresas vai contratar estagiários

Estudo às intenções de contratação das empresas portuguesas mostra uma subida no número de vagas para estagiários. Cortes nos custos com salários podem estar por trás desta tendência.

Em tempos de crise, o mundo empresarial tem-se visto forçado a encontrar novas formas de poupar dinheiro.

A aposta nos estagiários como uma mão-de-obra mais barata e acessível parece ser uma das principais tendências em Portugal. De acordo com o 65º Hiring Survey, um estudo às intenções de mercado de trabalho realizado pela MRINetwork, 22% das empresas portuguesas pretendem aumentar o seu número de estagiários.

O relatório, que compreendeu, em Portugal, entrevistas a 131 administradores, directores gerais ou directores de recursos humanos de empresas mostra também que, enquanto em 2009 45% das empresas inquiridas não abriam vagas para estágios, esse número é de apenas 31% em 2010. "Os estagiários acabam por ser uma mão-de-obra mais acessível. Se pensarmos só em custos directos, como o ordenado, é muito mais barato", explica Ana Teixeira, 'Country Manager' da MRINetwork Portugal. "Por outro ponto de vista", acrescenta, no entanto, "os recém-licenciados têm a ganhar em participar nos estágios. Se virmos os estagiários como um produto, um licenciado que já tenha tido contacto com o mercado de trabalho, acaba por ter mais diferenciação do que com a formação teórica. As empresas que contratam valorizam muito isso".

Se olharmos para as previsões na contratação para o segundo semestre de 2010, no entanto, o futuro pode estar, pelo menos, um pouco mais estável: 57% das empresas que participaram no estudo manifestaram uma intenção de manter os seus quadros, com apenas 12% a pretender despedir funcionários, uma clara diferença em relação ao segundo semestre de 2009, no qual 24% dos inquiridos tencionava cortar pessoal.

"Gostei dos resultados porque pensava que, num contexto de crise, os resultados iriam ser bem piores. A taxa de crescimento não é excepcional, mas o facto da tendência ser para quererem manter os seus quadros já é bom", ressalva Ana Teixeira, apontando porém que "nós também não podemos estar sempre a emagrecer senão ficamos anoréxicos. As empresas já estão tão magrinhas que a tendência, mesmo com a crise, acaba por ser para manter. As empresas já perceberam que a instabilidade é a única constância que temos", comenta a responsável da MRINetwork.

Se olharmos para os resultados registados em cada um dos sectores contemplados (ver caixas) podemos verificar que as previsões se avizinham mais negras no sector da Construção Civil. Enquanto que nenhuma das outras áreas estudadas regista intenções de cortes nos quadros acima dos 10%, nas previsões dos construtores a redução no pessoal está no futuro de 34% das empresas incluídas no estudo. "A construção tem passado maus momentos aqui em Portugal, é o sector que mostra maior quebra desde há mais de quatro anos. Isto provavelmente deve-se a factores como a quebra nas obras públicas, a diminuição na compra de casas e o facto de se verem mais casas a serem arrendadas", analisa Ana Teixeira.

No entanto, é de registar que, apesar disso, as poucas empresas de construção que afirmam querer aumentar, fazem-no acima da média, com algumas a afirmarem pretender expandir os seus quadros entre 6% a 10%. Referindo-se a esta discrepância, Ana Teixeira realça que "é curioso, as que se mantêm estão muito bem, o que pode estar relacionado com a internacionalização".

Neste momento do ciclo económico, a situação parece ser de alguma estabilidade, mas todos os envolvidos reconhecem que tudo isto pode mudar. Realizado há alguns meses, este estudo não reconhece totalmente o impacto das medidas de austeridade do Orçamento de Estado de 2011 na confiança dos mercados. "Face ao aumento do IVA, há questões sobre se este cenário se irá manter em 2011. Temo que possam ser um pouco piores", prevê Ana Teixeira, da MRINetwork. No entanto, "de um modo geral, os resultados, ao apresentarem taxas de crescimento e de diminuição baixas, mostram, pelo menos, que as empresas se estão a aguentar".

Fonte: **Diário Económico - Universidades**